

Ministro Agenor Álvares convoca reunião com representantes dos órgãos envolvidos no convênio para construção do centro de radioterapia do Hospital Universitário. Secretaria do GDF quer assumir o projeto

Intervenção federal

GIZELLA RODRIGUES

DA EQUIPE DO CORREIO

O Ministério da Saúde vai intervir na crise da construção do Centro de Alta Complexidade em Oncologia (Cacon) do Hospital Universitário de Brasília (HUB). Como o Correio apontou em três reportagens ao longo desta semana, a Universidade de Brasília (UnB) não conseguiu concluir as obras do que seria o primeiro centro avançado de radioterapia da rede hospitalar pública do Distrito Federal. Para discutir o problema o ministro da Saúde, Agenor Álvares, convocou uma reunião na segunda-feira com o reitor da UnB, Timothy Mulholland, a diretora do HUB, Tânia Torres, o diretor geral do Instituto Nacional de Câncer (Inca), Luiz Antonio Santini, e o secretário de Saúde do DF, José Geraldo Maciel.

As obras do Cacon estão paradas há 13 meses, consumiram mais de R\$ 5 milhões dos cofres públicos, mas as áreas erguidas já dão sinais de deterioração: há cabos enferrujando, infiltrações nas paredes e áreas alagadas. O mais grave, no entanto, ocorre com os equipamentos médicos. O Inca repassou ao HUB 17 equipamentos de última geração, que custaram R\$ 2,65 milhões e desde 2005 estão armazenados em um galpão, no canteiro de obras do HUB.

A Secretaria de Saúde do DF participou do convênio assinado entre o Ministério da Saúde e a UnB, em 2004, embora nunca tenha estado à frente do projeto. Com a crise do hospital universitário, porém, Maciel está disposto a ter uma participação mais efetiva no convênio. "Se o HUB não tiver condições de continuar as obras, a Secretaria de Saúde tem como assumir isso", afirmou.

O secretário disse que pretende, primeiro, ouvir o que o ministro Álvares tem a dizer. Se perguntado sobre sua posição, Maciel vai dizer que consegue colocar o acelerador linear (veja quadro) em funcionamento no Hospital Regional de Taguatinga (HRT) num período de seis a oito meses. "Estive no hospital hoje e vi que temos espaço físico para isso", garantiu o secretário de Saúde do DF.

A instalação dos equipamentos no HRT é defendida pela Secretaria de Saúde do DF desde 2004, quando o convênio foi firmado. Na época, porém, o Inca deu um parecer contrário à proposta porque o hospital não ti-

nha médicos especializados para manusear o acelerador linear, como oncologista clínico, patologista e físico-médico. Ainda hoje, o instituto é contra e vai levar para a reunião preocupações com o transporte e instalação das máquinas em outro local. Além disso, o Inca defende que não faz sentido abrir licitação para uma nova obra, já que a construção do Cacon está em estágio avançado e consumiu muito dinheiro.

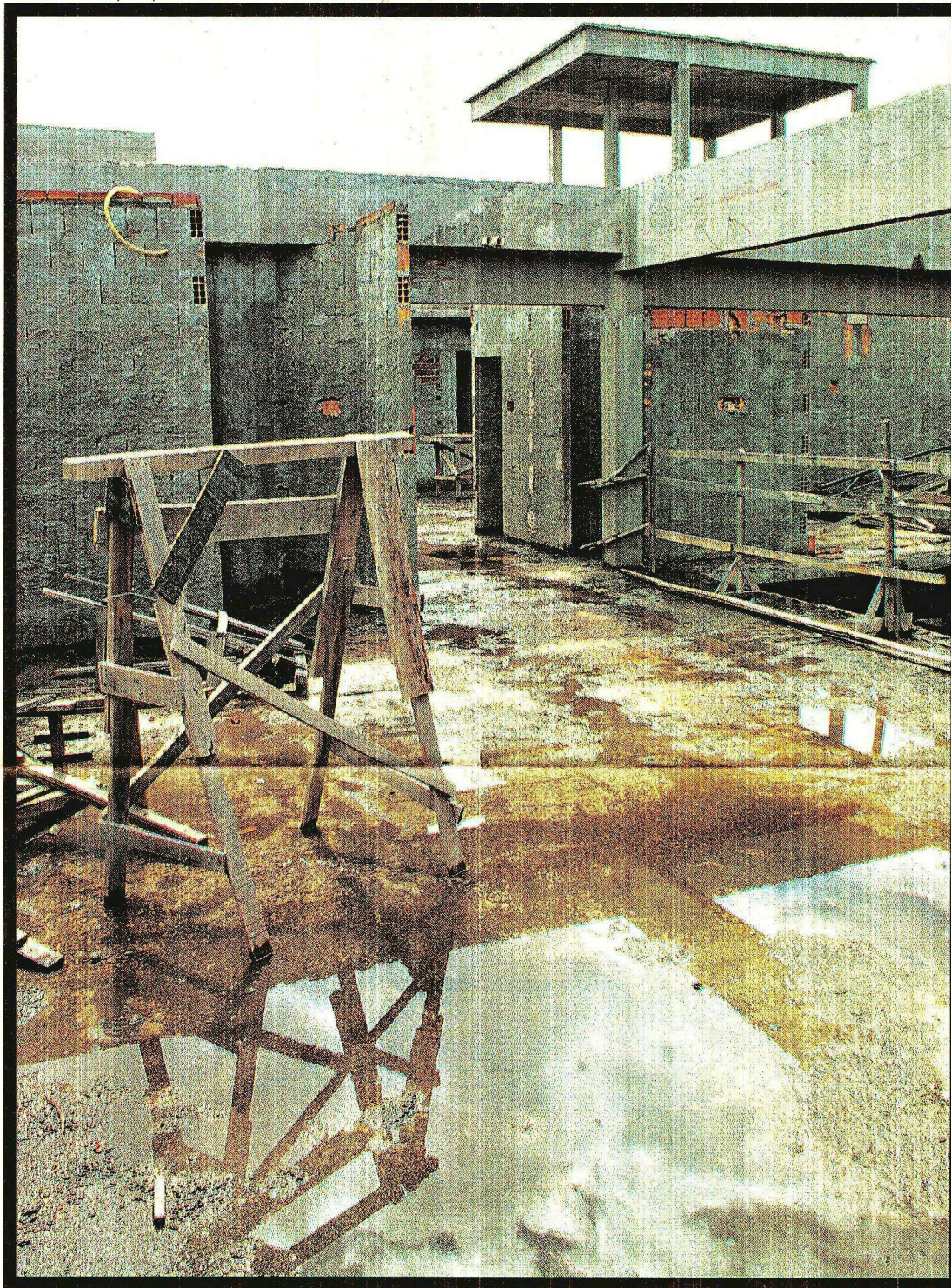
Além do acelerador linear, a Secretaria de Saúde está de olho em outros dois equipamentos já comprados pelo Inca — o Sistema de Braquiterapia de Alta Dose e o Sistema de Planejamento para Teleterapia 3D. Os três são os aparelhos mais caros entre os que estão no galpão da UnB. Só o acelerador linear custa R\$ 1,6 milhão. A rede pública do DF tem um acelerador linear no Hospital de Base de Brasília (HBB), mas o equipamento está velho e apresenta problemas frequentes. O Sistema de Planejamento para Teleterapia 3D nem existe na rede pública de saúde.

Sala especial

Para abrigar as três máquinas, a Secretaria de Saúde terá de construir uma sala adaptada com proteção contra os raios emitidos durante a radioterapia. As paredes que podem ser atingidas diretamente pelos raios precisam ser construídas em concreto de alta densidade. A porta de aço, forrada de chumbo, é tão pesada que precisa ser acionada por um motor elétrico. Tem aproximadamente 30cm de espessura. Todo o processo deve passar pela aprovação da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN).

Apesar da falta de recursos do governo local, Maciel afirma que não faltará dinheiro para a obra, que custaria entre R\$ 1,5 milhão e R\$ 2 milhões. "É uma obra barata se comparada à necessidade dela. Preciso desses equipamentos. Hoje tenho de mandar pacientes que precisam de radioterapia para fora do DF", justifica o secretário. Cerca de 3,5 mil pessoas precisam fazer radioterapia no DF por ano. O único equipamento da rede de saúde, no HBB, não consegue atender toda a demanda. Mesmo velho, o aparelho funciona em três turnos e faz 81 procedimentos por dia. Ainda assim, pacientes do DF são mandados para hospitais de Anápolis e Goiânia, a um custo de R\$ 20 mil por doente.

Gustavo Moreno/Especial para o CB



AS OBRAS DO CACON DÃO SINAIS DE DETERIORAÇÃO: CABOS ENFERRUJANDO, INFILTRAÇÕES NAS PAREDES E ÁREAS ALAGADAS

Risco de problemas

O gerente regional da Siemens — fabricante do acelerador linear guardado num galpão no Hospital Universitário de Brasília (HUB) —, Cláudio Marcelo Ribeiro Campos, não afasta a possibilidade de que o equipamento tenha sido danificado. Na quinta-feira ele vistoriou as condições de armazenagem do acelerador e constatou que a temperatura e a umidade da construção estão adequadas. Mas disse que só pode garantir o bom funcionamento do acelerador após a sua instalação. "Só podemos saber se houve danos ao abri-lo e instalá-lo. Mas o risco de problemas é baixo, porque as condições de armazenamento são boas", explica Cláudio.

Embalagem

O equipamento usado no tratamento de câncer está na embalagem original e nunca foi aberto. O acelerador linear custou R\$ 1,6 milhão e tem capacidade para atender mais de 80 pacientes por dia. A Siemens entregou o equipamento em maio de 2005 e desde então faz inspeções periódicas no local, para controlar as condições de armazenagem. A temperatura recomendada pela Siemens deve variar entre 18°C e 22°C, e a medição apontou 19°C. Quanto à umidade do ambiente, a recomendação da fabricante é que esteja entre 50% e 60%. A leitura dos medidores ficou em 56%.

As obras do Centro de Alta Complexidade em Oncologia (Cacon) do HUB, prédio que vai abrigar o acelerador, estão paradas há 13 meses. A instalação do equipamento depende da conclusão do edifício. A própria direção do HUB está preocupada com possíveis desgastes ao aparelho e os prejuízos que os danos causariam, principalmente aos pacientes que dependem do tratamento. Cerca de 3,5 mil pessoas fazem radioterapia todos os anos no Distrito Federal.

ÚLTIMA GERAÇÃO

ACELERADOR LINEAR

R\$ 1.689.213,31

O acelerador é responsável pela produção de energia das radiações usadas na radioterapia. Hoje, há duas técnicas diferentes de aplicação da radio — a braquiterapia e a teleterapia — e a escolha de cada uma depende da localização do tumor.

SISTEMA DE BRAQUITERAPIA DE ALTA DOSE

R\$ 613.854,79

É a forma mais moderna de braquiterapia. Os aparelhos ficam em contato com o organismo do doente. Os médicos colocam uma espécie de semente radioativa numa área específica afetada pelo câncer e só ali são emitidas radiações para destruir as células cancerígenas.

SISTEMA DE PLANEJAMENTO PARA TELETERAPIA EM 3D

R\$ 188.108

É uma técnica moderna que não existe na rede de saúde pública do DF. Foi criada para aliviar os efeitos colaterais da radio e restringir as áreas do corpo atingidas pelas radiações.